

**A RUPTURA DE PADRÕES COMO RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE:
ANÁLISE DO FILME *FELICIDADE POR UM FIO***

**BREAKING STANDARDS AS A RECONSTRUCTION OF IDENTITY:
ANALYSIS OF THE FILM *NAPPILY EVER AFTER***

Evelyn Lorraine Macedo da Silva¹
Monica Aparecida A. da Silva Rodrigues¹
Pamela Camila da Silva Tavares¹
Marcia Elizabeti M.de Lima²

RESUMO: Analisamos o filme *Felicidade Por Um Fio*, produzido pela Netflix, dirigido pela diretora Haifaa al-Mansour, baseado no livro homônimo, de Trisha R. Thomas, que tem como enredo a história da protagonista Violet (Sanaa Lathan), menina negra criada em uma família de classe média-baixa, em que a mãe ensina à filha os padrões de beleza que a sociedade impõe, educando-a para ser a mulher e esposa perfeita. Tratamos de como é formada a identidade do indivíduo, frente à cultura social e vivências no círculo familiar. Abordamos, também, a autoestima, pelo que vivenciamos e internalizamos em meio às relações interpessoais do nascimento à vida adulta. Para fundamentarmos a discussão, fizemos uma pesquisa bibliográfica com autores que discorrem sobre o assunto, tais como Zygmunt Bauman e Stuart Hall, por via indireta, em artigos escritos sobre os referidos teóricos. Pesquisamos, ainda, sobre a perspectiva da Psicologia Cognitivo Comportamental e da Psicologia Social, em obras diversos autores. Trata-se, portanto de um estudo teórico-crítico de revisão bibliográfica, que se configura em pesquisa qualitativa. Nossos estudos permitiram a reflexão de que Violet, em decorrência do que foi internalizado em sua vida desde a infância, desencadeou a obsessão por padrões de beleza, virando escrava do que é imposto pela sociedade, até que algo ocorre e a faz passar por transformações e aprendizado.

Palavras-chave: Autoestima; Preconceito; Identidade; Estereótipos.

ABSTRACT: Analyzed the film *Nappily Ever After*, produced by Netflix, directed by director Haifaa al-Mansour, based on the book of the same name by Trisha R. Thomas, whose storyline is the story of the protagonist Violet (Sanaa Lathan), a black girl raised in a class family medium-low, in which the mother teaches her daughter the standards of beauty that society imposes, educating her to be the perfect woman and wife. We deal with how the individual's identity is formed, facing social culture and experiences in the family circle. We also approach self-esteem, which we experience and internalize in the midst of interpersonal relationships from birth to adulthood. To support the discussion, we conducted a bibliographic search with authors who discuss the subject, such as Zygmunt Bauman and Stuart Hall, indirectly, in articles written about the referred theorists. We also researched the perspective of Behavioral Cognitive Psychology and Social Psychology, in books by various authors. It is, therefore, a theoretical-critical study of bibliographic review, which is configured in qualitative research. Our studies allowed the reflection that Violet, as a result of what was internalized in her life since childhood, triggered the obsession with beauty standards, becoming a slave to what is imposed by society, until something happens and makes her go through transformations and learning.

Keywords: Self-esteem; Preconception; Identity; Stereotypes.

¹ Acadêmica concluinte do curso de Psicologia da FAPAN.

² Licenciada em Letras. Doutora em Estudos Literários. Professora da FAPAN.

INTRODUÇÃO

Mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo [...] (BRASIL, 2001, p.21).

A história da personagem do filme *Felicidade por um Fio*, originalmente intitulado *Nappilly Ever After*, recria o que vivemos, o conflito de identidade, autoestima e preconceito que muitas mulheres têm vivenciado, pelo que é cobrado em nossa sociedade sobre o que é ser belo. Intentamos discutir como a autoestima da mulher é moldada diante dos pressupostos que a sociedade impõe, e que estão associados aos conflitos vividos pela personagem Violet, que desde a infância vivencia um estereótipo sobre seus cabelos e comportamentos para estar dentro dos padrões que a mãe lhe impõe, resultantes da cultura e ditadura da beleza.

Assim, trazemos a reflexão de como o desenvolvimento da identidade do indivíduo é influenciado pela sua vivência, núcleo familiar e social. O molde da cognição social e preconceito sendo estruturados de forma intrínseca e extrínseca das pessoas e de como essas problemáticas afetam a interpretação do mundo e de si, reagindo com pensamentos automáticos que podem ser negativos, comportamentos, emoções e reações fisiológicas.

Para melhor compreender o assunto, pesquisamos referências bibliográficas de autores que abordam tal assunto, como livros e artigos de Psicologia Social, construção da personalidade, para compreender como a influência sobre as pessoas pode, de forma significativa, modificar pensamentos, emoções e comportamentos de pessoas, como ocorre, inclusive, por meio da mídia.

Fundamentado desde a construção da personalidade do indivíduo, a partir da sua infância e influência do âmbito de vivência, a autoestima sendo moldada a partir do núcleo familiar e por meio de pressupostos que a sociedade impõe, interligando assim a cognição social e o preconceito. Apresentamos algumas temáticas a serem discutidas como a autoestima, preconceito e identidade, no que essas três palavras podem definir um indivíduo e como cada uma afeta, de certa forma, a convivência do indivíduo no meio em que vive.

Deste modo, abordamos temas como: a identidade dos indivíduos na sociedade e como são construídas a partir de suas interações, seja ao compartilhar seus valores seus objetivos e regras, e que com isso acaba-se exercendo influência considerável sobre o seu próprio eu, vai abordar também sobre a autoestima e como ela influencia diretamente no nosso meio social,

profissional e na própria vida pessoal. Abordamos, também, sobre a Cognição Social X Preconceito que diz respeito a este processo cognitivo, em que somos influenciados pelo ambiente social, e ao nos depararmos com esse ambiente acabamos percebendo outros objetivos, pensamentos/pessoas diferentes de nós.

1. IDENTIDADE

O que é identidade? A identidade de uma pessoa são características e traços pessoais que diferenciam uma pessoa da outra, A identidade também é o conhecimento que os indivíduos têm de si, do que os diferencia uns dos outros. Mesmo que muitos dos traços que compõem a nossa identidade sejam hereditários ou inatos, o meio ambiente em que estamos inseridos desempenha importante influência, a respeito da adequação da especificidade de cada indivíduo.

A construção da identidade é moldada desde os seus primórdios, por meio de fatores genéticos, cognitivos, afetivos, emocionais e ambientais, que movimentam o desenvolvimento constante do ciclo vital. Portanto, pelas influências e interações internas e externas do contexto social, ambiental, familiar, cultural e escolar, o ser humano desenvolve habilidades sociais e comportamentais, tanto positivas, quanto negativas.

Segundo Rodrigues; Assmar; Jablosnski (2007), é por meio do conhecimento de nós mesmos e da percepção do relacionamento com o próximo e de como nos confrontamos com os outros indivíduos, que nosso autoconhecimento se constrói. Assim, podemos dizer que construímos o conceito de nós mesmos pelo olhar do Outro, a formação da identidade não é individual, mas pelo processo de interação grupal que se inicia na família, estendendo-se ao contexto sociocultural. “Acultura é quem dará conta desse aspecto agregador da identidade nacional e a partir desse discurso o sujeito construirá também a sua própria identidade” (MOURA; FILHO, S/D. p. 10). Essa inter-relação cultural e a maneira como a vida vai se repercutindo em toda a infância, adolescência e vida afora, refletem o perfil da sociedade em que vivemos.

1.1. Autoestima

Autoestima é um sentimento aprendido e desenvolvido durante toda a vida da pessoa, pelo relacionamento com seus familiares e todo o entorno social. É comum ouvirmos as pessoas falarem para as crianças, “olha que lindo, olha que coisinha mais fofinha e etc.” fazendo com que as crianças se sintam especiais, ouvindo que são lindas e sentindo-se

amadas. Isso significa um reforço positivo social, em que a pessoa tem seu comportamento e sua aparência reforçados pelos outros.

De acordo com Scartezini; Rocha; Pires (2007), a autoestima não é um sentimento nato, mas sim aprendido desde bebê através dos cuidados que recebe. Esses cuidados durante a infância é de suma importância para o desenvolvimento da autoestima, incluindo os comportamentos, afeição e o autoconhecimento de si e do mundo a sua volta.

A autoestima se instala em nossas vidas através das relações interpessoais, passando a ser cultivada e desenvolvida pela própria pessoa, de acordo com os conceitos que ela internaliza, desde a infância, refletindo sobre o seu autoconhecimento, “O conceito de autoestima foi criado por Stanley Standal, que foi aluno de Rogers, na década de 1950; segundo ele, esta seria uma necessidade adquirida” (SCARTEZINI; ROCHA; PIRES, 2007, p. 4).

À luz do que já foi dito, não sendo a autoestima um sentimento nato, mas sim adquirido em nossas vivências, está ligada à condição da pessoa sentir-se amada, livre para ser quem realmente é, tendo respeito e admiração por si mesma. Em outras palavras, a autoestima está relacionada à percepção e à confiança de sentir-se adequado e competente no contexto em que se vive. Por isso autoestima está ligada a autoconfiança, é ser você mesmo, formar sua própria referência, e não viver sob a referência de outro, dependendo de aprovação alheia.

Do mesmo modo que reforçadores positivos geram sensações agradáveis, as críticas e punições podem gerar condições corporais adversas. A pessoa que é valorizada, reconhecida sente-se competente e aquela que é punida e criticada diante de seus feitos sente-se incompetente. “Assim, à medida que há a interação com o ambiente, a referência individual de si é construída. Essa referência pode ser positiva ou negativa” (SILVA; MARINHO, 1995, p. 230).

Avaliamos que a autoestima é a competência de apreciar-se e admirar-se a si, olhando para o seu próprio “eu”, com orgulho de ser a pessoa que se tornou, sendo que a admiração seria vista como uma estima de valor pessoal que pode ser compreendida, tanto as aparências físicas, como por exemplo, a beleza, como atitudes, posturas, etc.

1.2. Cognição Social X Preconceito

Grande parte da sociedade valoriza o indivíduo pela aparência, pelas primeiras impressões, ou, apenas, por algumas características observadas. Criando assim um meio social

que não considera “aceitável” ser diferente, cultura essa que vem sendo passada por gerações, e mesmo com o desenvolvimento do século XXI, ainda são fortes os preconceitos que emanam julgamentos.

Segundo Rodrigues; Assmar; Jablonski (2007), a cognição social diz respeito a este processo cognitivo, em que somos influenciados por tendenciosidades, esquemas sociais, heurísticas (atalhos utilizados no conhecimento da realidade social) e onde tem lugar uma forte tendência de descobrir as causas do comportamento, tanto nosso como de outrem.

Essas “aprovações” acabam refletindo em toda a vida do indivíduo, podendo criar distorções de sua real identidade, apenas para se sentir inserido no meio social, mesmo que aquilo não seja o que a pessoa deseja ser. Pois dentre a construção de personalidade do indivíduo perante a sociedade, a influência de como ele vê o outro é reflexo de como foi habituado com os padrões impostos no seu convívio, os chamados estereótipos, com base no que as pessoas ao seu redor consideram como algo ou alguém que segue a visão de mundo imposta, que é passada de forma intrínseca e extrínseca desde as gerações anteriores,

[...] fruto de defesas inconscientes, expressão de necessidades patológicas influenciadas por normas sociais, manifestação de interesses grupais ou como inevitável consequência do processo de categorização social, que divide as pessoas em grupos: os seus próprios versus e os dos outros, com o conseqüente despertar de respostas discriminatórias contra o grupo que não é seu (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2007, p. 149).

O indivíduo tende a se inserir em um grupo social, buscando se adequar aos padrões impostos e gerando diferença dentre as pessoas que não estão no mesmo âmbito, criando assim o preconceito. Mediante isso, o filme analisado apresenta a opressão que as mulheres sofreram e sofrem para serem “aceitas”, não só pelos homens, mas pela sociedade em geral, fazendo com que sintam a necessidade de estarem sempre arrumadas, do momento que acordam até irem se deitar, para que sua autoestima permaneça elevada, internalizando o preconceito como algo verídico em sua vida.

2. O CENÁRIO DE *FELICIDADE POR UM FIO*

O enredo do filme começa com uma cena de tortura em busca da beleza que a mãe de Violet defendia e impunha à filha. A menina com o cabelo crespo e volumoso e sua mãe Paulette (Lynn Whitfield) usando um pente quente para alisá-lo, por acreditar que assim ela estaria sempre linda, perfeita, a menina não podia ficar descalça, nem mesmo em momentos

de lazer, como a representação da cena do parque aquático. Aprendemos que a autoestima é internalizada desde o nascimento, por meio de nossas famílias, o primeiro núcleo social, e dos princípios que são repassados durante a infância, que podem ser positivos ou não. Nesse caso, Violet desde pequena sofria com os padrões de beleza em que sua mãe acreditava, certamente, pela história de vida de preconceitos, que também havia sofrido,

A consideração positiva desenvolve-se na primeira infância; através do amor e dos cuidados recebidos pelo bebê, a criança descobre que os afetos são fonte de satisfação e, assim, ela aprende a sentir uma necessidade de afeição. Conforme o bebê recebe a consideração positiva ou negativa ele desenvolve sua autoestima (SCARTEZINI; ROCHA; PIRES, 2007, p. 3).

No desenrolar da cena do parque aquático, um menino a desafia a pular na piscina, questionando a mesma se ela tem medo, então ela aceita e pula, e o seu cabelo volta à forma natural, fazendo com que o menino se assuste e acabe debochando dela. A mãe, vendo a cena, fica enfurecida com a menina, levando a embora para casa. O preconceito na vida de Violet esteve presente desde a infância, sua mãe a obrigava a ter cabelos lisos o tempo todo, não permitindo que a filha fosse quem realmente era, impondo que meninas de cabelos crespos não eram bonitas e aceitas pela sociedade, fazendo com que Violet não tivesse o direito de se divertir como as outras crianças. Agindo assim, tornava o desejo da menina de aceitação de si, um processo doloroso, o que fez com que, já na vida adulta, como publicitária, Violet vivesse sempre em busca pela perfeição, mascarando a sua autenticidade e aceitação, vivendo em um processo de artificialidade.

O preconceito está presente em diversas práticas de discriminação contra formas de vida e modos de comportamento que não são aceitos em suas diferenças e particularidades. Mas os diferentes preconceitos – contra mulheres, negros/as, homossexuais, imigrantes, idosos/as, pessoas com deficiência, entre outros/as – comungam de uma mesma atitude, de um mesmo comportamento e forma de pensar (CFESS, 2016, p. 7).

Com passar do tempo a menina negra de cabelos crespos se tornou uma publicitária de sucesso, além de uma mulher “perfeita” esteticamente, por estar sempre impecável tanto para si como para o namorado, um residente de medicina. A obsessão pelos seus cabelos impecáveis é tanta que ela acorda mais cedo para se arrumar, maquiarse, antes mesmo que o seu namorado acordasse, para que ele não a visse desarrumada. Até mesmo na hora da relação sexual, ela não gostava que ele tocasse em seus cabelos para não correr o risco que saísse um

do lugar. Com isso, o filme nos mostra a pressão que a Violet sofria para ser aceita pelos homens, pela mãe, e pela sociedade, como um todo, precisando estar sempre perfeita para elevar a autoestima, do despertar ao adormecer.

Considerando o desenvolvimento da autoestima, mesmo havendo uma satisfação ou frustração da necessidade de estima em relação às experiências do “eu”, elas podem ser experimentadas pelo indivíduo positiva ou negativamente; nesse contexto é denominada autoestima (SCARTEZINI; ROCHA; PIRES, 2007, p. 5).

Felicidade por um fio é exemplar, no sentido do aprendizado sobre a construção da identidade, a mãe de Violet a moldava como ela deveria se comportar, agir, pautada nos valores apreendidos, idealizava um projeto de vida para a filha, anulando, assim, o que Violet desejava para si, contrariando a ideia de que “Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose” (CIAMPA, 1984, p.74).

A vida da publicitária muda completamente quando ela planeja um jantar de aniversário e cria expectativas de que o namorado lhe dê um anel de noivado e isso não acontece, fazendo com que ela entre em colapso achando que não era perfeita o suficiente para que um homem a pedisse em casamento. Ela explode e o namorado diz que ela é sempre perfeita demais, parecendo estar sempre no primeiro encontro, durante os 02 anos de relacionamento, eles discutem, ela pede pra ele sair de casa e rompem o relacionamento.

A obsessão em se adequar ao que é esperado, como forma de aceitação e de ser bem vista pela sociedade pode distanciar a pessoa do que realmente é, de fato. Escrava da aparência, Violet representa muitas mulheres que não estão satisfeitas com suas aparências, devido ao modelo considerado “perfeito” socialmente aceito e imposto pela tirania da beleza, mulheres deixam de acreditar que são belas e que existem diversos tipos de beleza. Assim, “[...] compreendem que todas as identidades são construídas ou forjadas na exclusão e que um processo não natural, mas naturalizado, faz com que as pessoas aceitem as identidades para elas designadas” (MOURA; FILHO, S/D, p.11).

Para Violet, o término do relacionamento acabou trazendo uma fase de revolta, tanto na vida pessoal quanto na profissional, perdendo assim um grande empreendimento, sendo afastada por uns dias do trabalho, o que resulta no início do processo de reconstrução da identidade, não sem dor e angústia, que fazem parte de qualquer enfrentamento de uma nova realidade.

Depois de um drástico acidente no salão de beleza, em que um procedimento químico

não deu certo, Viole dá uma repaginada em seus cabelos com um corte moderno, curto, loiro e liso. E na tentativa de aproveitar o tempo perdido, ela se aventura com as amigas na balada, bebê, dança, faz coisas que o ex-namorado havia lhe jogado na cara que ela não se permitia fazer. Nesse contexto, depois de um desastroso encontro com um homem na balada, ela procura novamente o ex-namorado, quando percebe que ele já está seguindo sua vida, conhecendo outras pessoas. Ainda na mesma noite, ela tem uma crise neurótica, se vê com o cabelo todo bagunçado, armado, pega a máquina de corte e começa a raspar seus cabelos. A cena é marcante, reveladora, representa uma mistura de sentimentos. È como se pela epifania, termo da Teoria Literária, ou insight, termo da Psicologia, Violet tivesse sensação de liberdade, tristeza e raiva ao mesmo tempo, buscando livrar-se de anos de frustrações resultantes da imposição do padrão de beleza das revistas, os chamados estereótipos, que a mídia divulga à sociedade e impõe como beleza feminina, originando assim o preconceito e a obsessão pelo perfeccionismo de criar a mulher perfeita com os cabelo lindos e lisos.

Se o estereótipo é a sua base cognitiva, os sentimentos negativos em relação a um grupo constituiriam o componente afetivo do preconceito, e as ações, o componente comportamental. Em sua essência, o preconceito é uma atitude: uma pessoa preconceituosa pode desgostar de pessoas de certos grupos e comportar-se de maneira ofensiva para com eles, baseados em crenças, segundo os quais possuem característica negativa (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2007 p.162).

Ao sair careca e não esbanjando a tal beleza imposta dos cabelos lisos, tenta voltar a sua rotina, sente uma insegurança em si, as pessoas passam por ela e não a notam como antes, percebe que a sociedade só repara em mulheres produzidas de cabelos sempre bem arrumados e, de preferência, lisos. Até que ela se depara a um grupo de mulheres que fazem tratamento contra o câncer, e então começa a perceber que seu problema é mínimo perto delas, ou melhor, ela não tem um problema.

Em um momento de decepção amorosa e dor diante da descoberta e da aceitação de quem realmente ela é, Violet encontra o caminho de volta para si, resgatando sua essência e orgulho de ser mulher negra, com cabelos crespos, que tem amor próprio e de personalidade, começando assim a se aceitar. Isso a leva a um novo olhar sobre o mundo e seus princípios estruturantes, corrobora-se, assim, a citação a seguir:

A defesa prática da diversidade humana se coloca, portanto, como meio fundamental de combate aos preconceitos, precisamente porque contribui para a defesa da afirmação do outro em suas diferenças. Cabe aqui lembrar que diferença não é sinônimo de desigualdade, mas indicativa das diversas possibilidades de constituição humana, que somente nos enriquecem como gênero humano (CFESS, 2016, p.19).

Ao se empoderar como mulher dona de seus sonhos e ao tomar a audácia de não se curvar mais ao imposto pela autocracia das revistas de moda e das celebridades, Violet começa a perceber coisas sobre si e sobre a vida que realmente gostaria de viver. A partir do momento em que a vida dela é (re) significada, um mundo de possibilidades se abre à personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou estabelecer uma relação entre a autoestima, preconceito e identidade no que diz respeito à inserção da mulher na sociedade, o importante papel que estas desempenham, na relação do cotidiano e nas relações sociais estabelecidas no ambiente onde o indivíduo está inserido, e como isso a influência, dentre outros fatores, os psicológicos.

Neste sentido, foram observadas que as relações entre a personagem Violet e as mulheres nos dias atuais, negras ou não, estão interligadas, pois a sociedade cobra delas padrões estabelecidos, mesmo sendo algo que não possui significância, pois como mostra a personagem, não é preciso ter um cabelo liso pra ser bem sucedida.

Este estudo nos mostra uma visão diferente sobre os temas abordados, como a autoestima, nos fez ver que antes da autoestima, precisamos ter a nossa própria identidade, as noção de identidade na sociedade se dão em função do relacionamento que temos com os outros, o que acaba sendo construído, modificado ou mantido pelas características do indivíduo.

Esse processo de construção da identidade e autoestima dos indivíduos deveria acontecer naturalmente, mas acabam sendo impostos, como acontece com a personagem Violet, em que constatamos, que tanto pela família como pelo meio em que vivemos esse processo, geralmente, é imposto.

Concluimos, também, que assim, como Violet se vê em situações que exigem mudanças de comportamento em sua vida, qualquer pessoa está sujeita a passar pelo que a ela passou, e que cada vez mais se faz necessária essa mudança, pois é necessário

desconstruirmos identidade/autoestima impostas, apenas, para nos adequarmos às expectativas dos outros. Assim, quando o indivíduo estiver consciente dos objetivos que pretende atingir, ele irá se identificar como dono de si mesmo e com isso facilitará a promoção das mudanças necessárias.

Portanto, a análise do filme nos levou ao aprendizado de que ao seguirmos padrões impostos sem nos questionarmos, podemos vir a não distinguir mais a nossa identidade pessoal, ocorrendo, negativamente, a despersonalização.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CFESS. Conselho Federal de Serviço Social. **Série assistente social no combate ao preconceito o que é o preconceito**. [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social: 2016. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno01-OqueEPreconceito-Site.pdf>>. Acesso em 11/10/2019.

MOURA, M. M.; FILHO, J. A. **Um diálogo sobre identidade: Aproximações e distanciamento entre Stuart Hall e Zygmunt Bauman**. Disponível em: <www.periodicos.ufc.br>. Acesso em 15/08/2019.

SILVA, I. A.; MARINHO, I. G. **Auto-estima e relações afetivas**. São Paulo: Campinas, 1995.

SCARTEZINI, L. G.; ROCHA, A. C. R.; PIRES, V. S. **A necessidade de autoestima em Carl Rogers**. 2007. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/hkNYQZ4GFZuVXwL_2013-5-13-15-59-41.pdf> Acesso em 15/08/2020.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. **Psicologia social**. 25°. Ed. Vozes. Petrópolis: RJ, 2007.